

O corpo guardado: campo mutável para alteridades

Autores (as): PEREIRA, Jady Marcela Correia (jadymcp@gmail.com)

LIMA, Renato Vieira de (ren.vieira.lima@gmail.com)

Orientador (a): Sandro Martins Costa Mendes

Programa de Educação Tutorial Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa (PET/PPC/UNIPAMPA)

Palavras-chave: Corpo social, Manifestação cultural, Expressão corporal, Identidade, Movimento.

Resumo:

Na tentativa de contemplar os anseios e objetivos do PET-PPC “Conexão de Saberes” no ano de 2020 e ampliar seu diálogo com a comunidade externa, tendo como objeto de estudo o bairro Cerro da Pólvora, um de nossos projetos são as “Oficinas Sinestésicas” que consiste na exploração dos sentidos, além das percepções do ser humano, dialogando com diversas linguagens artísticas que trabalhem a memória pessoal, cultural e da comunidade.

O PET-PPC tem o objetivo de investigar, com diferentes idades e níveis de escolaridades, as memórias e as percepções voltadas ao ambiente em que estão inseridos, fazendo do nosso corpo social um papel que permita escrever, olhar e tocar, da qual pode ou não haver uma leitura recíproca, desde o comportamento instintivo do corpo humano ao modo como o “bailarino” ensaia para se apresentar, fazendo daquela expressão uma conversa entre indivíduos.

O diálogo entre identidade e socialização, entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, mostra que existem relações entrelaçadas: como a ideia proposta e o sujeito a ser moldado; a natureza do tempo e espaço; culturas e formas, que em um corpo que se movimenta é historicamente colocado.

Umberto Eco cita em uma de suas obras, um dos elos de uma “cadeia de experiências”,

“Obra aberta como proposta de um ‘campo’ de possibilidades interpretativas, como configuração de estímulos dotados de uma substancial indeterminação, de maneira a induzir o fruidor a uma série de ‘leituras’ sempre variáveis, estrutura, enfim, como ‘constelação’ de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas” (p. 150).

Assim, a dança é também um desses elos com suas dimensões de espaço, tempo, música, movimentos e limites do corpo humano, tem a coreografia como a arte da dança escrita. Sendo o indivíduo eximido para seguir sua imaginação, sem juizes ou árbitros, com o objetivo de fazer “movimento” dentro de determinada obra, lugar, espaço ou tempo.

Expor o corpo ao movimento é uma manifestação cultural, pessoal, emocional, religiosa e etc, e qualquer movimento que este corpo esteja realizando são um reflexo de toda uma sociedade, que está em constante formação. Aqui podemos trazer a tona discussões e pautas sociais tais como: a gordofobia, pessoas com deficiência, dentre tantos outros aspectos a respeito do conceito estético, entre o belo e o feio, por exemplo, assim como disse Duarte Junior em a “Experiência da Estética”. O corpo guardado que quer se movimentar, mas não consegue por restrições sociais do “não poder”, onde é necessário – dentro de uma perspectiva artística elitizada, eurocentrista e embranquecida, ter o corpo “perfeito” para dançar por não saber as técnicas dos estilos e linguagens oferecidas pela dança, o corpo que não se movimenta por não ter uma coreografia ensaiada, o corpo que se guarda por medo,

sem saber que, esse corpo que se guarda, quando se movimenta já está realizando um movimento coreográfico, movimento este que é um ato instintivo e inerente ao ser humano, e que segue nos acompanhando desde sempre. O corpo que interpreta essa teoria, além de revelar sobre si mesmo, pode carregar um corpo social pertencente a uma quantidade de indivíduos que se identifica com suas formas e deformações.

O movimento têm suas distintas versões, desde o mais real a mais intrigante imaginação, variando nos métodos da improvisação à criação elaborada nos ensaios. Logo, a proposta é de alusão ao computador humano que temos nos tornado e ao mesmo tempo a reação do corpo em relação a tudo isso.

Cada feição cultural, cada aspecto social, seja do indivíduo ou do coletivo que se diversifica, inclui na manifestação, o possível reconhecimento de costumes, características, naturezas e modos de um indivíduo ou comunidade. É dessas premissas que algumas manifestações da linguagem do corpo podem ser valoradas e elevadas a um patamar artístico, ou seja, quando cada indivíduo, conscientemente ou não, revira no interior da própria performance, mostra a sua pessoal bagagem cultural e emotiva.

A proposta do projeto, neste sentido, pode ser definida como movimento, no espaço e no tempo de um corpo, numa situação de representação, na condição de narrar e dizer, através de uma forma sutil, mais ainda sim expressivo, sobre como o indivíduo está sujeito a todo o momento usar do seu poder simbólico e a força como ator social para movimentar para si ou para alguém pontos nesse jogo societário.

Esta proposição é inspirada em Isadora Duncan que criou uma linguagem pessoal, dançando de maneira instintiva, selvagem, emblemática, sem regras, esquemas ou técnicas, apresentando-se para o público sem sapatos, pisando nos palcos mais importantes, descalça e coberta somente por uma simples túnica branca semitransparente (coisa que fez muito barulho para a mentalidade conservadora do Ocidente no início século ainda acostumada à figura vertical com sapatilhas de ponta). Para Isadora, a dança era um movimento interno ou um movimento do espírito que deveria rejeitar a herança cultural em prol da liberdade (LODE NUNES, 2017, p. 117). Dessa forma, tem se a intenção de mostrar que é necessário reconhecer e desencarcerar movimentos que estão presos dentro de nós há tempos e lembrar que na vida não temos tempo para ensaios.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (Orga's). *Corpo Território da Cultura*, Editora: Annablume, 2005.
- COUCHOT, Edmund. *Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração*. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 37-48.
- David le Breton. *A sociologia do Corpo*, Editora: Vozes, 4ª Ed, Petrópolis, 2010.
- Lóde Nunes, Meire Aparecida. *Fundamentos de Rítmica e Danças*. Maringá, 2017, p. 117.
- Umberto Eco. *A Obra Aberta - Estética*. Editora: Perspectiva, 2001, p. 47.